

ANÁLISE DA SUPERPOSIÇÃO DO VERBO *TER* SOBRE O *HAVER* NA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Carolina Constantino Rocha¹
sardentinha94@gmail.com

Fernanda Cizescki²
fcz@unesc.net

Juliani Casagrande¹
julcasagrande@gmail.com

Marcos Aurélio da Silva Pereira¹
aurelio-pereir@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta, por meio de estudos e pesquisas, uma análise referente ao uso dos verbos *ter* e *haver*, obtida através de estudo diacrônico desde sua origem no latim, passando pelo português europeu até as mudanças semânticas observadas no português brasileiro. Utiliza como ferramenta de estudo metodologias pertencentes a sociolinguística e a linguística histórica, com levantamento bibliográfico direcionado ao fenômeno ocorrido na mudança das estruturas dos verbos *ter* e *haver*. A partir disso, é exposto, através de dados e gráficos, estudos feitos em relação ao uso do verbo *haver* no Português padrão, na escrita e na fala e no uso do verbo *ter* presente na fala. O presente trabalho tem como objetivo mostrar que esse fenômeno está ocorrendo, porém, não se limitando apenas em uma variação, mas algo que está em transformação, caminhando para uma mudança, pelo processo de obsolescência.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança Haver e Ter; Variação linguística; Haver e Ter existencial.

ANALYSIS OF THE SUPERPOSITION OF THE VERB *TER* ABOUT *HAVER* IN THE EVOLUTION OF THE PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT

This article presents through studies and researches, an analysis concerning the use of verbs *ter* and *haver* obtained through a diachronic study from its origin in Latin, through European Portuguese to the semantic changes observed in Brazilian Portuguese. It uses as a study tool methodologies belonging to sociolinguistics and historical linguistics, with a bibliographical survey directed to the phenomenon occurred in the change of the structures of verbs *ter* and *haver*. Do to it, is exposed by means of data and graphs, studies done in relation to the use of the verb *haver* in the standard Portuguese, written and spoken and in the use of the verb *ter* present in the speech. The present work aims to show that this phenomenon is occurring, however, not only limited to a variation, but something that is in transformation, moving

¹ Acadêmicos do curso de Letras com habilitação em Literatura e Língua Portuguesa pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

² Doutora em Linguística e professora na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

towards a change, through the process of obsolescence.

KEYWORDS: Haver and Ter Change; Linguistic variation; Haver and Ter existential.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será analisada, por meio de revisão bibliográfica, a mudança dos verbos *haver* e *ter*, dentro da linguística histórica e da sociolinguística, sendo estes os instrumentos de análise que possibilitam identificar tal mudança. De início, é preciso voltar a sua origem, ou seja, estudar o latim e como ocorreu a mudança para a língua portuguesa. Castilho (2010), citado por Macedo (2015, p. 14), detalha como ocorreu:

A língua portuguesa descende do latim vulgar [...] quando o latim culto deixou de ser falado e o latim vulgar dialetou-se, surgindo os romances. Dos romances surgiram as línguas românicas: francês (séc. IX); castelhano (séc. X); português (séc. XII); italiano (séc. XVI).

Na mudança do latim culto para o vulgar e logo para o Português, as palavras sofreram algumas mudanças semânticas, com enfoque na estrutura existencial dos verbos *haver* e *ter*, sendo aquele encontrado apenas nas escritas formais hoje em dia no Português Brasileiro. Segundo Vitória (2010), a mudança de um verbo para o outro tem presença forte na fala dos indivíduos. Dessa forma, a linguística histórica aborda a mudança em si, em que a mudança no uso do verbo *haver* para o verbo *ter* está condicionada dentro da mudança semântica no processo de obsolescência. Essas mudanças relacionam-se com pesquisas profundas das sociedades dos falantes de uma língua, em que é feita uma análise da língua falada e escrita e, por meio de dados, podem ser estudadas linguisticamente de forma eficiente.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA HISTÓRICA COMO INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

A análise da mudança do verbo *haver* para o verbo *ter* estudada pela perspectiva da sociolinguística, tem como centro o estudo microssociolinguístico, ou seja, segundo Lanuza Santos, um estudo “alicerçado na análise das interferências sociais sobre a estrutura linguística” (2010, p. 19). Utilizando-se do estudo diacrônico, tendo um recorte temporal de 1800 até atualmente, pode-se compreender melhor a mudança que ocorre entre estes dois verbos. Os

estudos sociolinguísticos mostram que há uma forte correlação entre situações formais e o uso preferencial de formas linguísticas mais conservadoras: o falante, para satisfazer às expectativas sociais, procura evitar nesses contextos formas próprias do vernáculo (isto é, da língua falada espontânea) (FARACO, 1950, p. 19).

Carlos Alberto Faraco traz a sociolinguística como o estudo do fator social que analisa os influenciadores que acarretam na mudança. Um exemplo, é o verbo *haver* estar condicionado a forma culta da língua portuguesa, mais encontrada em produções textuais, e o verbo *ter* estar ligado a forma informal, na fala do dia a dia. Faraco ressalta ainda que há verbos informais utilizados que são acrescentados pelos falantes em momentos formais, chamados por ele de “inovações comuns na língua falada” (1950, p. 26), em que verbos informais ao longo do tempo e de sua utilização acabam se tornando formais. Para Faraco, os estudiosos da corrente sociolinguística possuem em momentos a possibilidade de distinguir mudanças e mesmo que estas sejam definidas geralmente pelas classes sociais, não se limitam somente a elas, ou seja: “Nem todas as diferenças entre fala e escrita são sinais de mudança; boa parte delas é simplesmente decorrente de características próprias da oralidade em oposição àquelas próprias da escrita” (FARACO, 1950, p. 26 – 27).

Uma corrente contrária à sociolinguística é a estruturalista, que é destacada por Santos como “uma visão da língua como um sistema homogêneo, unitário e autônomo”. Para Saussure (1916) e para Labov, Weinreich e Herzog o estruturalismo é “uma corrente que despreza a influência do contexto social” (1968, p. 89). As diferenças entre estruturalismo e sociolinguística são destacadas:

Figura 1: Estruturalismo X Sociolinguística

	Estruturalismo	Sociolinguista variacionista
<i>Objeto de estudo</i>	Língua	Fala (comunidade)
<i>Concepção de Língua</i>	Sistema autônomo, atemporal e homogêneo	Produto do processo histórico heterogeneamente estruturado
<i>A heterogeneidade na língua</i>	Variação livre, abstraída, externa ao sistema.	Funcional, condicionada por fatores internos e externos, interna ao sistema.
<i>Falante</i>	Passivo	Ativo

Fonte: Santos (2010, p. 23)

A sociolinguística e o estruturalismo não possuem exclusivamente a função de se refutarem, deixando este debate para o campo de discussão apropriado, tendo cada uma suas particularidades e seu campo de atuação. A sociolinguística trabalha com a fala como fruto de um processo histórico social, em que o falante é o personagem importante na sua mudança. Já o estruturalismo trabalha com a língua como um sistema que independe de qualquer outra relação social, e o falante é coadjuvante em relação a mudança da língua.

A Linguística histórica, que segundo Gabas Jr. “estuda os processos de mudança da língua no tempo” integra o campo da macrolinguística. Esse campo é “uma visão mais ampliada, do escopo da linguística” (WEEDWOOD, 2002).

O campo da linguística histórica é importante para a constituição da pesquisa e compreensão da mudança dos verbos *haver* e *ter*, pois, segundo Gabas Jr, neste campo trabalha-se as variadas formas de mudança na língua mundial. Se encaixando provavelmente dentro da mudança semântica, no processo de obsolescência, onde o verbo *haver* ainda está passando pelo processo de substituição.

3 ESTUDOS REALIZADOS SOBRE AS ESTRUTURAS DOS VERBOS *TER* E *HAYER*

As estruturas de *ter* e *haver* possuem diversas funções, dentre as quais podemos citar as existenciais, as de posse, as com particípio passado e as de expressão modal. Aqui, neste projeto, iremos focar nas estruturas existenciais, porém sem deixar de ilustrar as variações sofridas pelos dois verbos historicamente. Segundo Macedo, nas estruturas existenciais o verbo é seguido de objeto direto e, de acordo com os gramáticos, é impessoal. No latim, o verbo *habere* começou a aparecer em estruturas impessoais de sentido existencial, concorrendo com o verbo *seer* (VIOTTI, 1998 apud MACEDO, 2015, p. 28). Ainda no latim, *tenere* era mais comumente utilizado em construções de posse de bens adquiríveis ou externos ao possuidor. Ao chegar no português, o verbo *ter* enfraquece seu conteúdo semântico, e passa a atuar como verbo auxiliar. Um exemplo de estrutura existencial com esses dois verbos é formado pelo verbo impessoal mais objeto, por exemplo: “há/tem cinco cadeiras na sala”. (CALLOU E AVELAR, 2002 apud MACEDO, 2015, p. 29).

Segundo Evani Viotti, em seu artigo *Uma História Sobre “Ter” E “Haver”* (1998), o percurso diacrônico dos verbos *ter* e *haver* se dá da seguinte forma: No latim clássico, o verbo

habere era um verbo estativo, um verbo que descreve um estado, ou seja, uma situação não dinâmica e podia ter vários empregos, podia significar habitar, como por exemplo: “qui Syracusis habet (quem habita em Siracusa)” e/ou ser utilizado em expressões como: “bene habet (isso vai/está bem)”, e ainda podia ter o sentido de “habere vestem (estar-com/estar-em), como no exemplo “estar com um vestido”. Isso pode ter derivado o sentido de posse do verbo. Outro exemplo é “habere fundum que significava (habitar/estar-em um sítio)” mas também podendo significar ter posse legal dele. Ainda segundo Viotti (1998, p. 43), o emprego do verbo *habere* com sentido de posse passa a ser utilizado como no exemplo “mihi est aliquid e habeo aliquid (eu tenho dinheiro)”. Porém, aos poucos, a noção de posse foi se perdendo, e *habere* torna-se um verbo auxiliar, perdendo seu significado. No latim pós-classico, *habere* adquire um sentido muito semelhante ao do verbo *conter*, e ainda aparecia raramente com sentido existencial, concorrendo com o verbo *seer*. Assim, *haber* entrou em português com as seguintes características (Vittor, 1998, p. 44):

- (i) com uma rede temática esvaziada, realizando construções predicativas genéricas;
- (ii) com a posição de sujeito detematizada, realizando construções existenciais;
- (iii) completamente desprovido de qualquer conteúdo semântico, como verbo auxiliar formador de perífrases aspecto-temporais.

“No que diz respeito ao verbo *tenere*”, segundo Vittor, “ele parece ter seguido de perto os passos de *habere*”. *Tenere* tinha inicialmente sentido de manter/obter, e aos poucos foi concorrendo com *habere* nas expressões de posse, todavia, eram utilizados em situações diferentes, como nos exemplos apontados por Sampaio (1978 apud VITTOR, 1998, p. 44):

- a) Haec si habeat aurum, quod illi renumeret, faciat lubens. (Se isso tiver dinheiro que o remunerere, que seja feito facilmente.)
- b) Tenere auctoritatem in suos. (Ter autoridade sobre os seus.)

No artigo publicado pela revista *Matraga Estudos Linguísticos e Literários* (2012), dos autores Dinah Callou e Juanito Avelar, intitulado *Preservação e Mudança na História do Português: De Possessivo à Existencial*, a mudança na fala no português europeu para o português brasileiro segue o seguinte caminho: no português europeu o verbo *ter* tem função de *posse*, enquanto no português brasileiro o verbo é interpretado como verbo existencial, como nos mostra os exemplos abaixo:

PE: 'Ele/Ela tem um documento dentro da carteira' PB: 'Há um documento dentro da carteira' c. Tem dois computadores no escritório. PE: 'Ele/Ela tem dois computadores no escritório' PB: 'Há dois computadores no escritório' (2) Ele tem várias calças dentro do armário. PE/PB: 'Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário' (3) Há várias calças dentro do armário. PB/PE: 'Há diversas calças dentro do armário' (AVELAR, CALLOU, 2012, p. 225).

Percebe-se que no exemplo do PB o verbo *ter* passa a ser usado no modo padrão da fala, passando assim para a forma existencial, enquanto no português europeu o verbo *ter* e *haver* são usados como forma de posse. Portanto, o verbo *ter* sofreu uma grande mudança a partir da simplificação através do uso, em que os sujeitos nulos no discurso não foram mais permitidos na língua, conforme os exemplos abaixo:

- (01) Comprou um carro. (PE: ok / PB: *)
- (02) Ele/Ela comprou um carro. (PE: ok / PB: ok)
- (03) Tem um livro. (PE: ok /PB: *)'Ele/Ela tem um livro'
- (04) Tinha dinheiro. (PE: ok / PB: *)'Ele/Ela tinha dinheiro'

De acordo com os exemplos, percebe-se que no português brasileiro os sujeitos nulos não são usados para o verbo *ter* como função de posse ao contrário do português europeu o qual permite esse uso na língua. Também de acordo com as pesquisas realizadas:

A solução seria admitir uma interpretação existencial para as sentenças de sujeito nulo com o verbo possessivo. Há um paralelismo temporal que reforça este ponto de vista: o uso de *ter* existencial começa a surgir em finais do século XIX e é exatamente nesse período que a perda do sujeito nulo é detectada em documentos escritos. (DUARTE, 1995, TARALLO, 1996 apud MATRAGA, 2012, p.227).

Os dados mostram que as mudanças sintáticas aconteceram ao longo do tempo, até que começasse a perceber a falta dos sujeitos nulos na forma padrão da língua. Então passou-se a admitir o sujeito nulo como forma existencial do verbo *haver*, pois o uso do verbo *ter* como posse é mais usado pelos falantes do que o verbo *haver* no português brasileiro.

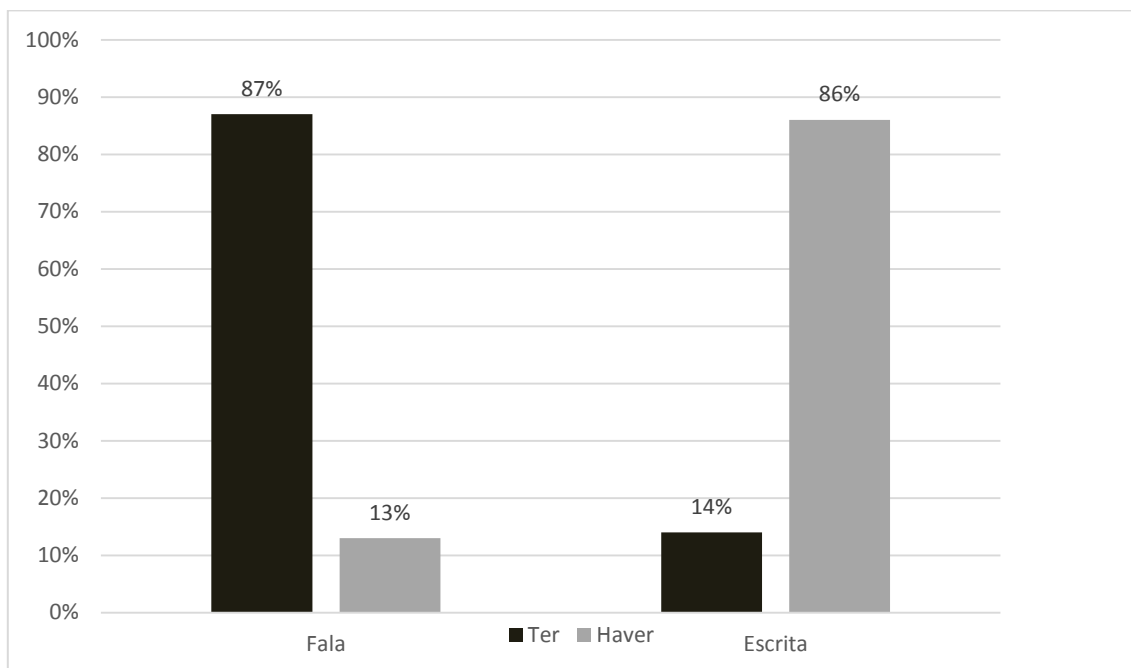
Segundo o artigo de Callou e Avelar, o uso de *ter* e *haver* tem sido objeto de estudo sistemático, a fim de observar a trajetória dessas formas ao longo do tempo na língua portuguesa. Utilizando como referência os trabalhos de Mattos e Silva e de Ribeiro, o artigo analisa, através de um estudo diacrônico do *ter* e *haver*, e com base em dados tirados de anúncios e jornais, o uso

dos dois verbos no século XIX. O foco do estudo é como o verbo *haver* vem, ao longo do século, sendo “invadido” pelo verbo *ter* na evolução da Língua Portuguesa.

O estudo analisa, nos anúncios dos anos 1800 – 1839, 1840 – 1874, 1875 – 1910, as estruturas existenciais que se mostram mais resistentes à penetração de *ter* no campo de *haver*: 22% contra 78% respectivamente (CALLOU, AVELAR, 2002, p. 51). Ainda segundo Callou e Avelar, não se pode fixar o momento certo que se inicia a superposição de *ter* sobre *haver*, ou seja, o verbo *haver* tem sentido existencial concorrendo apenas com o verbo *ser* a princípio. Porém, com o decorrer da evolução da língua, a “invasão” de *ter* se mostra cada vez maior até sua sobreposição, fato que pode ser observado hoje. Em registros do século XVI, como em *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões, já podia-se captar o *ter* existencial. Tendo como parâmetro anúncios que, segundo o artigo de Callou e Avelar, registram esse fenômeno, podemos dizer que esses avanços são contínuos e progressivos. Torna-se oficial quando Júlio Ribeiro em a *Gramática Portuguesa*, de 1914, afirma a substituição de *ter* sobre *haver* no uso geral brasileiro e até mesmo por pessoas ilustradas (RIBEIRO, 1914 apud CALLOU, AVELAR, 2002, p. 52).

Todas as pesquisas que tratam da variação de *ter* e *haver* no português brasileiro — Callou & Avelar 2000, 2003, 2006 e Silva 2003, entre outros — chegaram à conclusão de que “*ter* é muito mais frequente na fala que *haver*. Assim, *haver* é o verbo preferencial na escrita formal, mas sua frequência é baixa na língua falada, mesmo entre falantes com nível alto de escolarização” (CALLOU, AVELAR, 2002), assim como mostra o gráfico abaixo:

Figura 2: Frequência de ter e haver, em construções existenciais, na fala e na escrita, no Português brasileiro



Fonte: Callou e Avelar (2006 apud Matraga, 2012, p.226)

Na língua portuguesa brasileira, o uso do verbo *haver* na escrita é muito mais frequente, pois nota-se que o verbo não sofreu mudança na forma padrão da língua, mas foi substituída na fala pelo verbo *ter* com função de posse. Portanto, “conforme apontado em vários estudos (Duarte 1995, Tarallo 1996, Figueiredo Silva 1996, Galves 1996, Kato 2005, entre outros), uma redução flexional teve uma drástica consequência no uso de sujeitos referenciais nulos: os contextos que licenciam o sujeito referencial nulo no português brasileiro se tornaram restritos”. (SILVA, 1996 apud MATRAGA, 2012, p. 227).

De acordo com a autora Elyne Vitória (2010), as mudanças mais recentes dos verbos *ter* e *haver* ocorreram por meio da fala. Muitos estudos foram realizados ao confirmar o maior índice do verbo *ter* sobre o verbo *haver*. Entre eles, destacaram-se as pesquisas realizadas pelos estudiosos Franchi Negrão e Viotti, que ressaltam que:

A distribuição dos verbos nas construções existenciais do PB mostra o privilégio às construções com *ter* sobre *haver* e *existir* [...]. O ainda relativamente alto percentual de construções existenciais com *haver* não condiz com a observação de outros autores [...] de que seu emprego é muito raro, se não inexistente, na língua oral coloquial (FRANCHI, NEGRÃO, VIOTTI, 1998, apud VITÓRIO, 2010, p. 54).

Os estudos que foram feitos antes dos anos setenta mostraram que o uso do verbo *haver* era muito presente, e que ao decorrer dos anos noventa o uso deste verbo começou a cair, dando lugar ao verbo *ter*. Vitória (2010, p. 55), diz que, “O verbo *ter* também ocorre preferencialmente quando os argumentos internos apresentam o traço [+ material], enquanto que argumentos com traço [- material] favorecem o uso de *haver*”, ou seja, de acordo com as análises, o verbo *ter* agora refere-se a palavras concretas, enquanto o verbo *haver* passa a ser usado de forma abstrata nos discursos, os quais são mais utilizados na forma culta da língua. A autora ressalta que:

Ao analisarmos essas pesquisas, é possível perceber não só que há um alto percentual de uso do verbo *ter* existencial na norma culta do Português falado no Brasil, como também que tal norma está se rendendo à mudança em direção ao uso do verbo *ter*, contrariando, dessa forma, a visão normativa que aceita apenas o uso do verbo *haver* nesse contexto (VITÓRIO, 2010, p. 55).

O verbo *ter* está se expandindo para a norma padrão da língua, já que o verbo *haver* faz parte desta norma padrão, mesmo sendo raramente utilizado. A autora ainda destaca que segundo alguns estudos vigentes, o verbo *haver* ainda está no processo de mudança, pois ainda é muito presente nos termos de “existência, quando se trata de discursos no passado” (VITÓRIO, 2010, p. 55-56).

Um estudo realizado na região de João Pessoa destaca que em torno de 90% dos falantes desta região utilizam os verbos *ter e haver*, conforme a pesquisa feita que mostra que a utilização está ligada, também, com a escolaridade de cada indivíduo, ou seja, o uso do verbo *haver* é encontrado com maior frequência nos estudantes de ensino médio em comparação com os estudantes do ensino fundamental (SILVA, 2001 apud VITÓRIO, 2011, p. 55-56).

Segundo Avelar (2005 apud VITÓRIO, 2010, p. 57):

A variação *ter e haver* existenciais é diametralmente oposta na língua falada e na língua escrita, pois o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que na língua escrita esse percentual é de 14%. Já o verbo *haver* ocorre com um percentual de 13% na língua falada e 86% na língua escrita. Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio, sendo, portanto, a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso do verbo *ter* existencial em tal modalidade, justifica-se apenas pela necessidade de se inserir entre os textos escritos elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de *ter* aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem.

Observa-se que as mudanças nos verbos *ter e haver* ocorreram no uso dos falantes,

porém, não deixando de existir, pois este processo de mudança ainda está ocorrendo. O verbo *haver*, ao longo do tempo, obteve maior utilização na forma culta e aos poucos foi saindo dessa posição e fazendo parte das formas coloquiais também, para definir o passado, sendo que o verbo *ter* está muito presente em nosso vocabulário, adquirindo a cada dia mais espaço na forma culta da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco, em sua revisão bibliográfica, observar aquilo que estudiosos, através de pesquisas e coletas de dados, destacaram como mudança por obsolescência, dentro de uma perspectiva da Sociolinguística. Pode-se concluir que a mudança dos verbos está ocorrendo, por decorrência da variação que foi destacada e estudada, onde se encontrou questões importantes para definir sua mudança, sendo observada por aspectos sociais, cruciais para que este fenômeno ocorra. Observou-se por meio dos dados que essa transição está caminhando para uma mudança por obsolescência, em que um verbo cessa por meio de desuso, ou seja, vê-se forte uso do verbo *ter* na fala e até mesmo como escrita culta em escritas atuais.

Sabemos que destacar uma variação linguística não significa que se tenha encontrado uma mudança em ocorrência, porém, há meios para defini-la através de livros, cartas, jornais, publicações, anúncios, etc. Quando se trata da mudança na escrita, onde já se evidencia esta mudança, a pesquisa de campo consegue definir que a mudança na fala já tenha acontecido anteriormente, portanto. Esses fatores são observados de forma minuciosa, para que se possa observar todo o processo de mudança.

REFERÊNCIAS

BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. Ed. São Paulo: Cortez editora, 2001.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. **Estrutura Com Ter e Haver em anúncios do século XIX, Para a história do Português Brasileiro**. Ed. Novos Estudos, p. 47-67, 2002

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Preservação E Mudança Na História Do Português: De Possessivo a Existencial. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p.224-235, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/22629>>. Acesso em: 21 jun. 2017

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: Uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. Ed. São Paulo: Edição revista e ampliada, 2005.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. **Revista D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 14, nº especial, 1998.

MACEDO, Rebeca Louzada. **Os Verbos Ter E Haver: História, Mudanças E Ensino Da Língua Portuguesa No Brasil**. 2015. 190 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_c2bc4ae549efecc0e76095fbc706da95/Details>. Acesso em: 21 jun. 2017.

SANTOS, Lanuza Lima. **A ordem verbo-sujeito**: Uma análise sociolinguística da fala popular do interior do estado da Bahia. Salvador. 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 (1916).

VIOTTI, Evani. Uma História Sobre “Ter” E “Haver”. **Cadernos Estudos Ling.**, Campinas, p.41-50, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637050>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Aquisição E Variação Dos Verbos Ter E Haver Existenciais No PB. **Veredas Atemática**, Juiz de Fora, p.53-63, 2010. Disponível em: <<http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/25139>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 (1968).